

Quem vai a Berlim buscando entender o que foi o nazismo sente uma grande frustração. Tudo ali conspira para que você pense apenas no período da invasão russa, com a separação da Alemanha em duas – a oriental, comunista, e a ocidental, capitalista. É claro que se você contratar um guia turístico, fatos nevrálgicos serão abordados, como o incêndio criminoso do parlamento alemão, um mês após Adolf Hitler ter assumido o cargo de primeiro ministro, ou a campanha pela queima de livros, ambos ocorridos em 1933.

Quem busca resquícios do sofrimento judeu quase não encontra registros na Alemanha. Um visitante do museu judaico sente tensão ao entrar em seu interior, pois seu esquema de segurança se assemelha ao dos aeroportos americanos, que nos geram situações desconfortáveis. Mas no seu interior, tudo muda. O que se vivencia é um ambiente de valorização do fator cultural, com o registro de grandes feitos e invenções, que foram ofertados ao mundo pelos judeus, que passa pela música, pela pintura, pela ciência e chega até a calça jeans. Até mesmo uma visita aos guetos, onde eles ficavam confinados nos arredores de Berlim, nos remete a outro olhar, às sinagogas e à importância da religião para essa cultura. Tristeza e sofrimento são sentimentos não despertados nesta caminhada.

Para conhecer um pouco mais do nazismo, o caminho então é ir à Polônia e visitar o museu que fica na fábrica onde os judeus trabalharam de graça, produzindo utensílios domésticos. Os judeus que tiveram essa 'sorte' foram poupados da morte, como, de modo romancado, é contado no espetacular e comovente filme "A lista de Schindler". Mas a dor do holocausto somente pode ser revivida numa visita aos campos de concentração de Auschwitz e Birkenau. Ali, por dois momentos tive tonturas e quase desmaiei, fato que nunca havia me ocorrido, em mais de meio século de vida.

A história ensina que todo fato é precedido de causas e sucedido de consequências. Causa-fato-consequência. Pois, há exatamente 100 anos, o mundo iria experimentar o início da Primeira Grande Guerra. Em 1914, um assassinato, que parecia de relevância apenas regional, se transformou numa verdadeira carnificina, levando a mais de 9 milhões de mortos em apenas quatro anos. Foi a primeira guerra tecnológica, com a introdução do avião como instrumento de combate, além do tanque de guerra e do submarino. Por ar, terra e mar, definitivamente, a revolução industrial chegou aos campos de batalha, aumentando a produtividade de cada soldado. Nesse caso, medida pelo número de baixas possíveis de serem geradas num conflito bélico.

Deixando de lado o aspecto triste, sob a ótica econômica as guerras levam a dois feitos. O primeiro é que os países envolvidos zeram o desemprego durante o conflito. Portanto, há trabalho para todos. Mesmo em países que não participam diretamente do campo de batalha. O Brasil, por exemplo, viu impulsionada sua industrialização durante a Segunda Grande Guerra. Dada a impossibilidade de importação de produtos industrializados em função dos riscos vividos nos mares pelos navios mercantes, começamos a fabricar aqui vários itens de que éramos tradicionais importadores.

Já o segundo feito diz respeito a invenções. Internet, forno micro-ondas, zíper, panela de teflon, tecnologia de GPS e até a margarina surgiram do chamado 'esforço de guerra'. Esse também é o caso do leite condensado, usado em grande escala pela primeira vez na Guerra Civil americana, como alimento das tropas. O americano Gail Borden o patenteou em 1856, após descobrir esta etapa que antecede à obtenção do leite em pó. Quatro anos depois, o produto se transformou em produto de guerra, um utensílio presente no enxoval de todo soldado. Com o



PAULO DO CARMO MARTINS

A GUERRA E A INFLAÇÃO

moeda. Por exemplo, quando a família Real portuguesa chegou ao Rio de Janeiro, em 1808, gerou a primeira grande inflação da história do Brasil. Afinal, aportaram 14 navios, com centenas de pessoas. Repentinamente, esse contingente extra gerou um aumento na demanda por alimentos e por residências, num país sem produção agrícola e com baixo estoque de ativos fixos. O resultado foi a chamada carestia...

Voltando à Alemanha, por meio do Tratado de Versalhes, os países vencedores impuseram a esse país uma pesadíssima dívida visando ressarcir os perdas oriundas da Primeira Guerra Mundial. Como naquela época as moedas eram conversíveis em ouro, e como o ouro era a forma de pagamento da Alemanha aos vencedores, a Alemanha tinha cada vez menos ouro e cada vez menos moeda em circulação em sua economia, já que a quantidade de moeda circulante era compatível com as reservas em ouro pelo país.

Menos ouro em reserva, menos moeda em circulação. Por consequência, com pouca moeda em circulação era cada vez mais difícil gerar consumo. Sem consumo, não há emprego nem investimento em produção. Portanto, não há renda. Sem renda, não há produção. Sem produção, não há emprego. Sem emprego... Enfim, um círculo vicioso que leva à miséria. O filme "Berlin Alexanderplatz" mostra a degradação dessa importante Praça de Berlim, na qual os alemães ficavam sem emprego, perambulando, sem rumo, sem sonho, sem objetivo, sem fim.

O governo alemão passou a emitir moeda sem a necessária conversão em ouro. O objetivo era pagar as contas públicas, já que a arrecadação de impostos era inexpressiva numa economia recessiva. Além disso, o governo tomou medidas visando estimular a produção e o consumo, por meio de crédito. Então, o mundo se viu diante de um fenômeno inesperado. Entre janeiro de 1919 e novembro de 1923, o índice inflacionário alemão variou em um trilhão por cento (1.000.000.000%).

Aprendemos, assim, que a emissão de moeda em excesso leva à inflação. Com preços crescentes, havia mais necessidade de emitir mais moeda. Ficou perceptível, então, a espiral inflacionária gerada por descontrole das contas públicas e por emissão de moeda. A voracidade por moeda era tamanha que, no final, a moeda alemã era impressa somente de um lado, para baratear o uso de gráficas. A miséria humana vivida nesse período é retratada no filme "O ovo da serpente", disponível nas locadoras. A serpente é a inflação, o ovo é Hitler!

Você deve ter se assustado com a inflação alemã de um trilhão por cento vivida em quatro anos, como relatei. Pois saiba que, entre 1986 e 1994, a inflação brasileira foi de 13,3 trilhões por cento. Portanto, em 15 anos, ou num período de menos de quatro vezes, no Brasil vivenciamos uma inflação 13,3 vezes maior que a inflação alemã. Tudo isso gerou consequências para o setor lácteo, análise que apresentarei na próxima edição de outubro. Aguardo, então, você daqui a um mês.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.